



CHEGA DE RÓTULOS: POR QUE NÃO ESTIGMATIZAR O COMPORTAMENTO DAS CRIANÇAS

Imagine se assim como os rótulos dos produtos, a gente destacasse, na “embalagem”, a composição de cada criança, classificando-a como “pestinha”, “chorona” ou “preguiçosa”?

Parece estranho imaginar nossos filhos rotulados dessa forma, não é? Mas é isso que muitos pais acabam fazendo, na maioria das vezes, sem perceber. O problema é que quando você diz a todo momento “ele chora por qualquer coisa”, “ele é tímido, não consegue dar oi para as pessoas” ou “ele é um sabe-tudo, sempre responde antes de todos na escola”, está criando estigmas que o seu filho pode carregar pelo resto da vida. “Etiquetar pessoas não é uma boa prática, pois cada um tem seu jeito de se expor e sua forma de lidar com a vida. Nomear de acordo com um padrão acaba tendo efeito contrário: a pessoa vai fixar isso ao seu nome próprio”, alerta a psicopedagoga Edith Rubinstein, diretora do Centro de Estudos e Seminários de Psicopedagogia (SP).

É fundamental lembrar que estamos falando de crianças. Ou seja, seres humanos em formação, em pleno desenvolvimento de seu caráter e personalidade. Quando rotulamos suas peculiaridades – sejam físicas ou emocionais –, estamos não só predeterminando o que são ou serão, como também reduzindo suas possibilidades de experimentação. “A riqueza do ser humano é ter inúmeras capacidades e potenciais. Reduzi-lo a uma única característica é impedir a imensidão de possibilidades de ser tantas coisas ao mesmo tempo”, defende a neuropsicóloga Deborah Moss, mestre em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade de São Paulo.

Quem sou eu?

Se mesmo para nós, adultos, já é difícil responder a essa pergunta, imagine para o seu filho. E ele realmente não deve se definir em uma única palavra: o ideal é que queira ser muitas coisas – e tenha liberdade para isso. Ninguém é só isso ou aquilo. Mas passa a ser quando todos estão olhando para ele e vendo apenas um único defeito ou qualidade. “Quando afirmamos que o outro ser humano ‘é’, em vez de ‘está’, o aprisionamos a essa marca, como se fosse impossível ser diferente disso”, afirma a psicóloga Rita Calegari, da Rede de Hospitais São Camilo (SP).

Mesmo os apelidos mais carinhosos, ditos com a melhor intenção do mundo, mas que apontam para um traço comportamental ou físico, podem prejudicar a relação de vocês. Isso porque as demais características acabam ficando esquecidas o que cria uma lacuna afetiva entre filhos e pais. O documentário *Repense o Elogio*, da diretora Estela Renner, traz uma reflexão sobre isso. Durante a produção, mais de mil pessoas foram entrevistadas sobre a maneira que tendem a elogiar crianças. Para as meninas, cerca de 80% dos termos estavam relacionados à aparência e atributos físicos, como “linda”, “princesa” e “bonita”. Já 70% dos elogios para os meninos eram ligados a habilidades, como “inteligente”, “forte” e “corajoso”. Só que essa valorização de apenas um conjunto de características de acordo com o gênero acaba limitando os pequenos. “Crianças precisam ser reconhecidas por todos os seus atributos, interessantes e menos interessantes, para este ou aquele momento da vida. Elas devem ser orientadas a alcançar o equilíbrio pessoal, o que leva ao desejo de superação e aceitação”, afirma a psicopedagoga Irene Maluf, diretora da Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp).

Poder do exemplo

Quantas vezes você já se surpreendeu ao ver seu filho repetir suas manias, jeitos de falar e de agir? Sim, eles são como nossos espelhos. Isso acontece não só por imitação, mas porque querem ser como nós. E, sendo assim, dão importância ao que pensamos e falamos – mesmo quando parece que não prestam atenção. É por isso que faz tanta diferença quando seu filho ouve você dizer o tempo todo o quanto ele é distraído, inteligente ou terrível. A psicoterapeuta argentina Laura Gutman aborda a força que tem nossas palavras no best-seller *O Poder do Discurso Materno* (Editora Ágora). “Vamos continuar pensando, sentindo e interpretando a vida de um ponto de vista emprestado – habitualmente o ponto de vista de um adulto importantíssimo. Então, continuaremos alinhando nossas ideias e nossos preconceitos em relação direta com o ponto de vista de nossa mãe. Desse discurso dependerá se vamos nos considerar bons ou muito ruins, se acreditamos que somos generosos, inteligentes ou bobos, se somos astutos, fracos ou preguiçosos. É importante notar que essas definições são semelhantes ao que disseram papai e mamãe durante nossa infância, especialmente em relação a como nos lembramos de nós mesmos”, escreveu a especialista no livro.

Portanto, tente não falar tudo o que vem à cabeça. Seja dizer que ele é muito inteligente a cada nota boa ou que é preguiçoso toda vez que reclama para guardar os brinquedos. “A autoestima da criança é construída com base nos feedbacks que ela recebe dos pais. Quando eles exageram, desvalorizam ou valorizam sem critérios, comprometem a visão que a criança terá de si mesma no futuro”, completa a psicóloga Rita.

Pelo direito de não ser bom.

A autoestima do seu filho, no entanto, não será melhor caso ele só ouça coisas boas. Nem sempre é legal ser bom em tudo. E, se ele crescer acreditando nisso, pode se frustrar ou deixar de ser quem realmente ele quer ser com medo de decepcionar você. Se o pai diz o tempo todo o quanto ele é bom no futebol, por exemplo, talvez não se arrisque a testar seu talento no desenho. Ou se a mãe diz sempre o quanto a filha é responsável, pode ser que ela se cobre demais, amadurecendo antes da hora. Ou, ainda, que se rebele e resolva não fazer mais nada direito.

Até mesmo o rótulo de inteligente pode ter consequências ruins, como frustração ao não conseguir resolver um problema de matemática, ou, pior, achar que já sabe tanto que nem precisa mais estudar. “ou seja, a criança não investe em outras áreas, pois pode se sentir suprida da necessidade de atenção ou incapaz. Sempre há uma qualidade a ressaltar e um defeito a melhorar: o ser humano é dinâmico no seu desenvolvimento e classifica-lo de “inteligente” é tão contraproducente quanto chama-lo de “bobo”, afirma a psicopedagoga Irene.

Cada criança é única

A comparação também pode não ser eficiente. Seja com o irmão, primo, o amigo da escola ou até mesmo o personagem do desenho. Comparar por comparar é apenas dizer que o outro é melhor e isso não ajuda ninguém a melhorar, podendo afetar a autoestima. Em vez de comparar, procure dialogar sobre aspectos positivos e negativos. “Mostre o comportamento desejado para a criança e, claro, proponha soluções”, sugere a psicopedagoga Gabriela Luxo, do Centro de Atenção à Saúde Mental- Equilíbrio (SP). Lembre-se de que cada criança tem seu tempo, seja para vencer seus medos ou assumir responsabilidades. Respeitar isso é uma das melhores coisas que você pode fazer pelo seu filho. “Todos nós temos qualidades e defeitos que se reorganizam aos poucos. O foco não é negar ou disfarçar o que hoje está incomodando, mas mostrar que as qualidades dos filhos podem ajudá-los justamente a superar o que está mais difícil no momento”, diz Gabriela.

A personalidade tem várias nuances e é algo que se desenvolve com os anos. É importante não limitar a criança a se identificar com apenas uma característica, mas sim experimentar quantas ele quiser, testar seus limites, aprender o que é bom e o que não é. E com a orientação dos adultos e sem rótulos vai ficar muito mais fácil.

A medida do elogio

Quando merecidos, os elogios são saudáveis. Mas se forem “vazios”, ou seja, sem esforço e/ou em excesso, podem desestimular a criança ou fazer com que ela tenha medo de errar. Então...

Se você diz	Diga também
...como você é inteligente!	...parabéns, você se esforçou e foi bem na prova!
...você é um ótimo irmão!	...fiquei feliz que você ajudou seu irmão a...
...adorei o desenho!	...que lindas essas cores! O que você desenhou?
...você é linda!	...esse penteado combinou muito com seu rosto.

Texto de Fernanda Montano. Revista **Crescer**, dezembro de 2017.
Adaptação de Cláudia Brandão Schneider, psicóloga, orientadora/coordenadora.